

## Língua estranha e familiar aprendizado do árabe e do tupi esquecido em Milton Hatoum

Dra. Daniela Birman<sup>1</sup> (UFRJ)

...

### Resumo:

*Ao explorar em seus dois primeiros romances o trânsito entre Oriente e Ocidente, as fronteiras permeáveis existentes entre as culturas e o diálogo de indivíduos pertencentes a diferentes religiões e etnias, o escritor Milton Hatoum também trabalha a temática do contato entre idiomas. Ele nos mostra a língua como uma ilusória figura de origem, solo fundador, também utópico, que deteria a essência e verdade daqueles que dali procederam (FOUCAULT, 1979). “Maternas” ou “estrangeiras”, as línguas devem ser entendidas como artificialmente aprendidas. Elas sempre pertencem, pois, aos outros, e são apropriadas por nós. Para sustentar esta hipótese, examinaremos dois episódios dedicados ao estudo de idiomas na obra do autor. Tomaremos como fio condutor da nossa leitura o “testemunho” de Jacques Derrida apresentado em O monolinguismo do outro ou A prótese de origem (2001).*

**Palavras-chave:** Hatoum, Derrida, língua estranha e familiar

### Introdução

Centrados em famílias de origem libanesa radicadas em Manaus, os dois primeiros romances de Milton Hatoum são atravessados pelo hibridismo cultural e pela idéia de permeabilidade das fronteiras. Com efeito, as narrativas dos dramas, encontros e enigmas de integrantes dos clãs nucleares de *Relato de um certo Oriente*<sup>1</sup> (HATOUM, 1989) e *Dois Irmãos* (HATOUM, 2000) exploram a negociação e as mútuas influências entre indivíduos de diferentes nacionalidades, etnias e religiões. Hatoum nos mostra, assim, que as diferenças não são dadas nem absolutas, mas alteram-se no convívio com os outros. Ou, como ele mesmo escreve: “as culturas circulam e perambulam tanto quanto Ibn Battuta, o viajante incansável, o maior escritor-andarilho do mundo árabe” (HATOUM, 1996).

Ao enfocar o trânsito entre países e os conflitos de imigrantes e seus descendentes, o escritor trabalha ainda a problemática do contato entre idiomas. E também rejeita, nesse contexto, qualquer tentativa de naturalizar ou tomar como absoluto o vínculo com a própria língua ou com aquela entendida como dos “seus”. Pelo contrário. Segundo buscaremos expor, ao criar em seus dois primeiros romances personagens integrantes da segunda geração de imigrantes que esquecem parcialmente o seu idioma primeiro ou experimentam a descontinuidade entre este e aquele de seus pais, Hatoum explora a problemática da inexistência de uma língua natural. A língua surge, dessa forma, como uma ilusória figura de **origem** (FOUCAULT, 1979), um utópico solo fundador com o qual não mantemos uma relação de integral identidade ou pertencimento. Ela sempre pertence ao Outro, sendo artificialmente apropriada por nós. Esta hipótese será sustentada a partir da leitura de dois episódios específicos nos quais Hatoum trata da temática do estudo de idiomas. No primeiro deles, Hakim, um dos narradores secundários de *Relato de um certo Oriente*, conta-nos como foi seu aprendizado do árabe, a “fala estranha” de seus pais. Já em *Dois Irmãos*, o gêmeo Yaqub aplica-se

---

<sup>1</sup> A partir de então poderá ser chamado apenas de *Relato*.

para relembrar seu “tupi esquecido”. Tomaremos como fio condutor de nossa exposição o “testemunho” de Jacques Derrida sobre seu estatuto lingüístico e identitário, apresentado em *O monolinguismo do outro ou A prótese de origem* (DERRIDA, 2001).

## **1 “Fala estranha”**

No segundo capítulo de *Relato de um certo Oriente*, Hakim, um dos narradores secundários da trama, partilha conosco o fascínio que experimentou quando menino pela “fala estranha” (HATOUM, 1989, p. 49) de seus pais, ambos imigrantes libaneses. Além da “curiosidade desmesurada” (HATOUM, 1989, p. 49) nutrida pelo árabe, língua na qual ouvia os adultos se comunicarem, o personagem sentia-se atraído pelas três linhas que vira a mãe, a matriarca Emilie, rabiscar. Tratava-se, segundo ele nos descreve, de “uma caligrafia dançante, enigmática como os hieróglifos” (HATOUM, 1989, p. 48), que ela havia redigido “movendo vagarosamente a mão no sentido do percurso solar” (HATOUM, 1989, p. 48).

A curiosidade de Hakim pôde ser saciada graças à iniciativa de Emilie, que decidiu ensinar o “alifabeta” ao filho. Seu aprendizado do idioma de seus pais não ocorreu, portanto, como o de uma criança com a língua hegemônica de seu ambiente externo ou com aquela de seu ambiente familiar. Ele se deu de modo mais formal (ainda que o método empregado por Emilie tenha sido bastante peculiar), como quando na escola entramos em contato com um idioma estrangeiro, após já termos aprendido o “nosso”.

Ao relembrar este aprendizado, Hakim faz alusão a uma imagem que, mantendo particularidades e diferenças, é recorrente em outros trechos do *Relato* e nos dois romances seguintes publicados pelo autor: *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte* (2005). As três obras citadas trazem, pois, importantes menções à geografia amazonense, com sua imensa bacia hidrográfica, o famoso encontro das águas, suas embarcações e seus navegantes. Não pretendemos examinar aqui separada e minuciosamente cada uma delas. Consideramos, porém, importante ressaltar o ressurgimento destas na obra de Hatoum, com suas similitudes e distinções, e incluir aquela da qual iremos nos ocupar neste conjunto.

Com efeito, uma mesma problemática atravessa de diferentes maneiras esta reunião de imagens: a questão da ausência de **origem** (FOUCAULT, 1979), entendida como um ilusório solo fundador que traria a essência e a verdade daqueles que dali vieram. É possível afirmar, portanto, que ao evocarem encontros entre rios, canoas ou viajantes, narradores e personagens dos três romances de Hatoum fazem alusão à inexistência de uma terra firme e forte na qual pisar e enraizar uma identidade entendida como fixa e una. Eles destacam, ao contrário, a instabilidade das águas amazonenses, podendo ainda sugerir, dependendo da imagem em questão: a experiência de erosão de si, aquela de reelaboração do “eu”, o caráter contingente que marca nosso lugar no mundo e a experiência-limite de aniquilamento do sujeito e supressão do sentido. Lembramos, porém, que esta interpretação é bastante abrangente, não levando em consideração os diferentes contextos nos quais aparece cada uma das imagens envolvidas nem dando a atenção merecida a cada uma delas.<sup>2</sup>

Vamos, pois, à figuração que nos interessa especialmente, aquela mencionada por Hakim ao rememorar seu estudo do árabe. Esta imagem evoca elementos de um relato feito por Emilie e outros sonhados pelo narrador. Hakim nos conta, pois, que seu aprendizado do árabe foi antecedido por uma narrativa fantástica sobre a bisavó Salma, a quem mais de duas dezenas de anos haviam visitado no leito de morte. O menino acaba por sonhar com a história, misturando no dia seguinte imagens da narrativa transmitida por Emilie com aquelas produzidas enquanto dormia:

---

<sup>2</sup> Para uma análise mais minuciosa de cada uma destas imagens, cf. BIRMAN, Daniela. *Entre-narrar: relatos da fronteira* em Milton Hatoum. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

no dia seguinte, a história e o sonho pulsavam no meu pensamento como as águas de dois rios tempestuosos que se misturam para originar um terceiro. Eu me deixava arrastar por essa corrente indômita, pensando também no desenho da caligrafia que lembrava as marcas das asas de um pássaro que rola num espelho de areia, na voz austera de meu pai, mais lúdica do que lúgubre, voz polida e plácida que tentei imitar assim que aprendi o alfabeto e antes mesmo de pronunciar uma única palavra na **língua que, embora familiar, soava como a mais estrangeira das línguas estrangeiras** (HATOUM, 1989, p. 50, grifos nossos).

A imagem do famoso encontro dos rios, uma das atrações da cidade de Manaus, é aqui associada ao contato com uma língua ao mesmo tempo estranha e familiar; língua dos seus, mas que Hakim não pode enunciar como sua, visto que, neste momento, não sabe nem mesmo falar ou ler nela. Os pais de Hakim não conversavam, pois, com os filhos em árabe, de modo que, durante certo tempo, ele chegou a acreditar “tratar-se de uma linguagem só falada pelos mais idosos; ou seja, pensava que os adultos não falavam como as crianças” (HATOUM, 1989, p. 49). Desse modo, segundo afirmamos, seu conhecimento do idioma dos seus parentes e de amigos da família, com o qual ele começava a se habituar, foi efetuado de modo similar àquele como aprendemos uma língua estrangeira: por meio do estudo. O árabe surge aqui, pois, como uma língua ao mesmo tempo familiar, próxima, incompreensível e estranha.

Devido ao aprendizado do árabe e do forte vínculo que mantinha com Emilie, intensificado ainda mais com a compreensão da sua língua, Hakim partilhará do mundo íntimo da mãe. Graças à capacidade de ler na língua dela, por exemplo, a investigação que ele realizará no baú materno, repleto de objetos e cartas do passado, será mais frutífera. Desse modo, o fato de ter sido eleito o filho que aprenderá o árabe o torna, por um lado, mais próximo do mundo materno e, por outro, sugere que, na condição de primogênito, ele já se encontrava na posição de intimidade com este mundo. Desse modo, ele se pergunta e afirma, em dois momentos distintos:

sabia que tinha sido eleito o interlocutor número um entre os filhos de Emilie: por ter vindo ao mundo antes que os outros? por encontrar-me ainda muito próximo às suas lembranças, ao seu mundo ancestral onde tudo ou quase tudo girava ao redor de Trípoli, das montanhas, dos cedros, das figueiras e parreiras, dos carneiros, Junieh e Ebrin? (HATOUM, 1989, p. 52).

Num outro trecho, acrescenta:

[...] vivíamos entregues a um apego mútuo, e qualquer sintoma de abalo e de lassidão que tomava conta de um logo contaminava o outro. Essa contaminação de angústias, a minha idolatria por Emilie, a sua intromissão na minha vida, tudo se acentuava pelo fato de eu compreender quando ela falava na sua língua. Porque, ao conversar comigo, minha mãe não traduzia, não tateava as palavras, não demorava na escolha de um verbo, não resvalava na sintaxe. E eu sentia isso: cheia de prazer, soberana, despreendida de tudo, ela podia eleger os caminhos por onde passa o afeto: o olhar, o gesto e a fala. (HATOUM, 1989, p. 102-103).

O fato de partilhar com Emilie o seu mundo e a sua língua dilata uma fratura em sua vida, dividida entre o árabe e o português, o ambiente familiar e aquele externo, fratura que também deve ter sido vivida por seus irmãos, porém em menor intensidade. Ele descreve a divisão que caracteriza o cotidiano de muitos integrantes, como ele, da segunda geração de imigrantes: “Desde pequeno convivi com um idioma na escola e nas ruas da cidade, e com outro na Parisiense [loja e moradia de sua família]. E às vezes tinha a impressão de viver vidas distintas” (HATOUM, 1989, p. 52). Mas Hakim seria capaz, supomos, de estabelecer uma hierarquia entre suas duas línguas: a primeira, o português, e depois o árabe, cujo aprendizado se deu de modo semelhante ao de um idioma estrangeiro. Diferentemente, portanto, de outros indivíduos marcados por histórias de deslocamento exí-

lio, como o crítico Edward Said, que nunca soube qual língua falou primeiro, o árabe ou o inglês, idiomas entre os quais viveu a grande cisão de sua vida (SAID, 2004).

Segundo afirmamos, a língua deve ser entendida no *Relato* como uma ilusória figura de origem, a qual Hatoum mostra que, diferentemente de um solo natural, ela é sempre artificialmente aprendida. Deste modo, entendemos que, por meio do encontro com esta língua ao mesmo tempo estranha e familiar, que “soava como a mais estrangeira” (HATOUM, 1989, p. 50) de todas, Hakim poderá perceber que “só existe uma língua, a língua do outro”, segundo a afirmação desdobrada por João Camillo Penna (2001, p. 347) a partir do “testemunho” de Jacques Derrida apresentado em *O monolinguismo do outro ou A prótese de origem*:

[...] ninguém possui a própria língua, todo mundo se apropria da língua. [...] Ninguém, diz Derrida, [...] nem mesmo aquele que fala e escreve a língua de seus pais e seus avós, que não passou por esta ruptura essencial da prótese da origem que marca a experiência colonial – ninguém possui a própria língua. [...] Não há natureza lingüística nacional ou cultural. A fantasia hegemônica e nacionalista de **per-ten-ser** a uma cultura ou nacionalidade é exatamente isto, uma fantasia hegemônica. (PENNA, 2001, p. 343).

Na medida em que o árabe constitui o idioma da mãe de Hakim, mas não é sua língua primeira, ele traz a marca da ausência de uma origem lingüística e de uma identidade “natural” com a língua que se domina. De modo que, se acompanharmos e seguirmos o “testemunho” de Derrida, que se apresenta provocativamente como o franco-magrebino exemplar<sup>3</sup>, poderíamos afirmar que o árabe, para Hakim, transforma-se na língua exemplar. Isto porque ele traz a marca da ausência de essência e de naturalidade de toda e qualquer língua. Encarna, portanto, o caráter de qualquer língua, aquela dos nossos ou a dos outros, visto que todas elas se caracterizam por serem dos outros, e apropriadas por nós. Podemos compreender, de acordo com esta interpretação, a afirmação de que ele “soava como a mais estrangeira das línguas estrangeiras” (HATOUM, 1989, p. 50). Ele revelaria exemplarmente, pois, o caráter estrangeiro, no sentido de pertencer ao Outro, de toda língua.

Mas embora explique o estatuto estrangeiro da língua, este caráter exemplar não esgota a compreensão de por que o árabe soa como mais estrangeiro do que os outros idiomas, o estranhamento experimentado por Hakim. Este deve ser compreendido a partir da oposição ao que seria um soar familiar, vivido como perdido ou interditado. Ressaltamos, nesse contexto, que podemos sentir a ausência desta língua primeira como uma perda, mas esta não constitui uma “falta” real. Segundo Derrida, do mesmo modo que a “falta”, esta ‘alienação’ originária parece constitutiva. Mas ela não é nem uma falta nem uma alienação, não tem falta de nada que a preceda ou a siga, não aliena nenhuma ipseidade, nenhuma propriedade, nenhum **si** que tenha alguma vez podido representar a sua véspera” (DERRIDA, 2001, p. 39).

É a familiaridade desta língua, o fato de ela pertencer aos seus, que o leva a percebê-la como a mais estrangeira de todas, a se deparar com a “prótese da origem” e estranhá-la. Podemos imaginar dois percursos que o encaminham a tal defrontação e estranhamento. Ao seguirmos o primeiro, supomos que é o sentimento de perda de uma língua natural que levou Hakim a estranhar o árabe mais do que todos os idiomas estrangeiros. Estranha, assim, aquela língua que acredita que deveria

---

<sup>3</sup> Para compreendermos tal afirmação precisamos associar a ausência de essência de qualquer identidade nacional, como a franco-magrebina, à condição de Derrida, exemplar na medida em que revela esta ausência. Nesse sentido, a perturbação de identidade de Derrida, decorrente da impossibilidade de identificação com as culturas judaica, francesa, berbere e árabe, situação de alienação que ele nos relata em seu “testemunho”, apontaria para o estatuto da identidade nacional, sua ausência de fundamento. Como afirma Penna, “à medida que **ser algo** identifica este **pertencer** a uma tradição cultural, lingüística, nacional qualquer. Não pertencer a nenhuma, segundo Derrida, indicando uma pobreza essencial da identidade, designa [...] a essência não-essencial da identidade, ou seja, a identidade tal qual ontologicamente definida” (PENNA, 2001, p. 341).

desde sempre ser sua e lhe pertencer, e cujo acesso a ela não precisaria, portanto, ter lhe custado tanto esforço.

Mas podemos ainda interpretar o sentimento de perda como decorrente de uma interdição familiar. De acordo com esta hipótese, o árabe seria sentido como uma língua perdida porque seu acesso a ela havia sido barrado (ou ao menos ele acreditava nisso) quando menino, antes de começar o aprendizado formal dele. Na medida em que seus pais não falavam com Hakim em sua própria língua, mas conversavam nela entre si, ele teria sentido como interditado seu acesso a ela. Tal crença não é sem fundamento, visto que Hakim chegou a ser repreendido após perguntar o significado de uma conversa entre os dois: “Numa noite em que bisbilhotava a conversa, perguntei se conversavam sobre o novo vizinho. Responderam que falavam de mim, da minha curiosidade, do fato de eu querer vagar entre vozes que escutava sem compreender” (HATOUM, 1989, p. 49). No entanto, nesta mesma noite, Emilie lhe contou, sussurrando, que estudariam o “alifebata”. Foi quando, após ouvir o relato sobre a morte da bisavó, ele sonhou com os dois rios.

Nesse contexto, o vínculo de Hakim com o árabe pode ser aproximado daquele de Derrida com o árabe e o berbere, línguas que, segundo seu relato, lhe foram interditadas quando criança. Judeu nascido na Argélia, Derrida declara-se monolíngüe. Ele afirma só ter uma língua, o francês, mas que esta não lhe pertence (constitui, pois, a língua do Outro, no sentido em que qualquer língua o é e no daquele que ela consiste na língua do colonizador). E ao ter seu acesso às culturas e às línguas árabe e berbere barrado, esta interdição deixou, entre seus rastros, o estranhamento das línguas proibidas. De forma que, como afirma o filósofo, a “língua subtraída [...] tornava-se sem dúvida a mais estrangeira” (DERRIDA, 2001, p. 57). A perda, aqui, diferentemente daquela de Hakim, não é a daquela língua que poderia ser ilusoriamente tomada como natural, em continuidade com a de sua família. Para Derrida, o árabe constituía a língua do Outro, contudo “do outro como do próximo mais próximo. *Unheimlich*. Para mim, ele foi a língua do vizinho” (DERRIDA, 2001, p. 53). O estatuto lingüístico e identitário de Derrida pode ainda ser associado à imagem da fronteira e àquela do “terceiro rio”, evocada por Hakim. A transcrição autobiográfica da problemática da ausência de origem colocada pelo “testemunho” de Derrida seria pois, segundo Penna, a seguinte: “minha identidade lingüística-nacional pode ser resumida no estatuto mínimo do hífen que separa a França do Magreb, o mar, ou as margens do Mediterrâneo. Isso significa literalmente não ser nem um nem outro [...]” (PENNA, 2001, p. 345).

Já a língua aprendida por Hakim, “o terceiro rio”, não constitui nem aquela que poderia ser considerada natural (o português ou o árabe, caso este fosse a língua primeira do narrador) nem aquela irremediavelmente do Outro, pois o personagem está preste a se apropriar dela, de implantar uma nova prótese. Ela adquire, nesse contexto, o caráter fronteiriço: não é (mais) nem exclusivamente do Outro nem necessariamente minha. E a identificação com este “terceiro rio” é mais arriscada, na medida em que as águas não são fixas e que muitas vezes não sabemos ou podemos controlar aonde nos levarão.

Hakim aponta ainda em sua descrição do aprendizado lingüístico para um árduo trabalho de domesticação e treino: dos gestos, da postura, do ouvido, da fala. O personagem nos relata este trabalho de construção identitária:

passsei cinco ou seis anos exercitando esse jogo especular entre pronúncia e ortografia, distinguindo e peneirando sons, domando o movimento da mão para representá-los no papel, como se a ponta do lápis fosse um cinzel sulcando com esmero uma lâmina de mármore que aos poucos se povoava de minúsculos seres contorcidos e espiralados que aspiravam à forma dos caracóis, das goivas e cimitarras, de um seio solitário que a língua ao contato com o dorso dos dentes e ajudada por um espasmo fazia jorrar dos lábios entreabertos um peixe Fenício. (HATOUM, 1989, p. 51-52).

O processo e o projeto de identificação não se desdobram aqui, portanto, por meio da busca, infrutífera, de uma origem, mas de um exercício sobre si mesmo. Nesse sentido, a identidade será ao mesmo tempo fugidia, como o “desenho da caligrafia [...] lembrava as marcas das asas de um pássaro” (HATOUM, 1989, p. 50), e minuciosa e afetivamente construída. E por meio deste árduo processo ele também fará aflorar, como escreve Maria Zilda Ferreira Cury, “a origem fenícia, origem nobre que orgulhosamente exibem os libaneses, mas que ao mesmo tempo é impossível de ‘fisgar’, escorregadia que é, como um peixe” (CURY, 2000, p. 175).<sup>4</sup>

## **2 “Tupi esquecido”**

O segundo episódio que examinaremos trata do reaprendizado do português efetuado pelo personagem Yaqub, um dos gêmeos do romance *Dois Irmãos*. Este, como tomamos conhecimento com a leitura, muda-se para o sul do Líbano aos treze anos, sendo bruscamente separado de seus pais e de seu país. Cinco anos depois, Yaqub voltará para casa marcado por um quádruplo abalo. Além de ter sido relegado no amor materno - visto que sua mãe, Zana, optou pela sua partida e pela permanência do irmão, Omar -, e sofrido com o distanciamento da família, ele não conseguirá esquecer outro acontecimento, ocorrido durante a estada no Líbano.<sup>5</sup> Isto sem mencionar a agressão praticada contra ele por Omar, violência que motivou a decisão de embarcá-lo para outro país. Com o golpe do irmão cresciam, pois, “a cicatriz, a dor e algum sentimento que ele não revelava e talvez desconhecesse” (HATOUM, 2000, p. 28).

Ao retornar ao Brasil, o primogênito podia ser diferenciado de Omar por uma pequena mecha no cabelo, pela cicatriz em seu rosto e pelo esquecimento de palavras em português. Seu jeito era calado, reticente, “como se um silêncio paralisante o envolvesse” (HATOUM, 2000, p. 16). Entretanto, lembramos, ele havia começado a emudecer antes mesmo da viagem, quando não reagia aos insultos dos colegas na escola, que zombavam da marca em seu rosto, e obrigava seus pais a “conviver com um filho silencioso” (HATOUM, 2000, p. 28). No Líbano, a recusa em falar permanece. Yaqub não responderá a nenhuma das cartas enviadas por Zana e ignorará a tentativa de conversa de uma visita. Não se trata, portanto, apenas da dificuldade com o idioma, parcialmente esquecido, mas do efeito do choque da violência do irmão e da fissura provocada em sua vida pela brusca separação do universo familiar. Efeito, portanto, ao que parece, de sua impotência para reagir e elaborar naquele momento, aos treze anos, os acontecimentos que lhe atropelaram e se tornaram, assim, traumáticos.

De volta ao Brasil, o primogênito se esforçará para preencher as lacunas de seu português hesitante. A descrição de suas noites de estudo lembra a dedicação de Hakim para aprender o árabe. Desse modo, embora Yaqub estivesse feliz por compreender tudo que diziam a seu redor, e sentisse ressurgir “as palavras, a sintaxe, a melodia da língua” (HATOUM, 2000, p. 23), seu domínio do idioma será também fruto de uma conquista realizada com afínco:

ali, trancado no quarto, ele varava noites estudando a gramática portuguesa; repetia mil vezes as palavras malpronunciadas: atonito, em vez de atônito. A acentuação

---

<sup>4</sup> Distanciamos aqui da interpretação de Luis Alberto Brandão. Segundo ele, ao se aplicar com tanto afínco ao aprendizado da língua familiar, Hakim teria experimentado inicialmente “a sensação de um possível desvendamento do idioma, um domínio irrestrito que conseqüentemente traria o desvendamento do próprio passado, o estabelecimento de uma identidade por meio da revelação da origem remota” (BRANDÃO, 2005, p. 125). Como afirmamos, não identificamos na dedicação de Hakim, seus treinos e resultados (inclusive o gestual de fazer “jorrar dos lábios entreabertos um peixe Fenício”) a crença na revelação de uma origem remota, mas antes o trabalho de construção dessa procedência poética e imaginária (e de si mesmo, evidentemente).

<sup>5</sup> Até o fim do romance, não saberemos o que ocorreu a Yaqub no Líbano, visto que ele evitava comentar o período em que morou por lá. Nael, o narrador do romance, conta que, quando a irmã dos gêmeos, Rânia, insistia no assunto, Yaqub “se tornava áspero, quase intratável, contrariando a candura de gestos e a altivez [...]. No entanto, havia acontecido alguma coisa naquele tempo de pastor. Talvez Halim soubesse, mas ninguém, nem mesmo Zana, arrancou do filho esse segredo” (HATOUM, 2000, p. 38-39).

tônica...um drama e tanto para Yaqub. Mas ele foi aprendendo, soletrando, cantando as palavras, até que os sons dos nossos peixes, plantas e frutas, todo esse tupi esquecido não embolava mais na sua boca. Mesmo assim, nunca foi tagarela. (HATOUM, 2000, p. 31).

O retorno do domínio do português - que com o distanciamento da viagem reaparece em sua condição de língua do Outro - não será, portanto, inteiramente automático. Ele deverá, mais uma vez, ser apropriado do Outro. Como vemos, tal apropriação surge claramente na dedicação de Yaqub para aprender a própria língua. E esta dedicação indica ainda que o primogênito estranha o idioma, sentindo-o como perdido (roubado pelo distanciamento forçado ou percebido como uma falta). Pois, caso não se incomodasse nem se preocupasse com o esquecimento parcial da língua (não estranhando esta), sua fluência ressurgiria de qualquer maneira, e poderia ser ilusoriamente percebida como automática, não como apropriada, reaprendida.

O português parece ser sentido como tendo sido usurpado pela viagem, além de surgir como a língua que, acreditando-se na ilusão da origem, deveria lhe pertencer integralmente, sem o custo de nenhum esforço. Destacamos mais uma vez, desse modo, o sentimento de perda de uma língua ilusoriamente natural, o que faz com que Yaqub a estranhe, dispondo-se a estudá-la como se ela fosse um idioma estrangeiro. Tal sentimento, contudo, não implica uma falta real, apontando somente para a percepção enganosa desta e para o estranhamento que transforma o outrora familiar em estrangeiro.

Chamamos também a atenção para o fato de que Yaqub não se dedica somente ao aprendizado de uma suposta língua pura. Ao atravessar noites estudando a gramática, ele buscava ainda se familiarizar e relembrar o “tupi esquecido”, metáfora do idioma falado em sua cidade e a cujo acesso ele possivelmente sentiu-se barrado pela viagem. Nesse sentido, ele estranha e percebe como estrangeiro o português dos seus conterrâneos: de vocabulário próprio, misturado com outros troncos lingüísticos, enunciado numa determinada cadência e com um certo sotaque. O gêmeo precisa, portanto, não apenas adquirir conhecimento das regras e da gramática do português esquecido, mas também desobstruir o acesso vivido como vetado, tornando de novo familiar a forma como essa língua é apropriada por aqueles de sua região, até que ela deixe de embolar na sua boca.

Imaginamos ainda que o português do primogênito receberá interferências do árabe. Nesse contexto, seu “tupi lembrado” manterá uma dose de estranheza. Ele não o perceberá como inteiramente natural, sentindo-o atravessado por outros sons, palavras, ritmos. Yaqub mesmo comenta, muitos anos depois de seu retorno, nunca ter esquecido o árabe. Em sua declaração, ele contrapõe a lembrança deste idioma e do acontecimento misterioso vivido no país estrangeiro ao esquecimento completo do ambiente que o cercou durante cinco anos: “[...] É isso mesmo, já esqueci quase tudo: a aldeia, as pessoas, o nome da aldeia e o nome dos parentes. Só não esqueci a língua...” (HATOUM, 2000, p. 119), disse, antes de acrescentar, referindo-se ao enigma já citado, não ter podido esquecer outra coisa.

Yaqub indica, portanto, a fissura introduzida em sua vida pela separação dos seus, fissura esta que marca também sua fala, aberta pela interferência da outra língua. E alguns de seus diálogos, como aqueles de outros personagens do romance (Halim, Zana), serão pontuados por uma ou outra palavra no idioma estrangeiro.<sup>6</sup> Além disso, no momento de sua volta, parte desses também será descrita como tendo sido enunciada inteiramente em árabe. Desse modo, o narrador faz referência às “saudações em árabe” (HATOUM, 2000, p. 14) entre pai e filho, no momento do reencontro, após o retorno, e às explicações, também em árabe, que Yaqub deu a Halim no mesmo dia.

---

<sup>6</sup> Citamos como exemplo termos em árabe pronunciados pelo primogênito ao longo do romance: *baba, la, mama, harami*.

Assim, apesar do aparente esforço para esquecer o difícil período vivido no Líbano, duas marcas surgem como inextinguíveis: a abertura da língua, pressionada pela outra, e o enigmático trauma. Tanto a fissura em seu português quanto aquela em sua vida cotidiana, provocada pelo afastamento de Manaus, engendram a ruptura com a idéia de pertencimento pleno e natural ao lugar de “origem” e, em última instância, com aquela de uma identidade una.

Nesse sentido, além de ter decidido se dedicar ao aprendizado de sua própria língua (em vez de somente aguardar o retorno daquilo que “naturalmente” lhe pertenceria), atitude que já sugere o estranhamento do que outrora foi familiar e o rompimento com a noção de origem, Yaqub será descrito no romance como um personagem de comportamento variável, marcado pela oscilação e pela descontinuidade. Ele é ao mesmo tempo desconfiado, duro e calado, além de atento, atencioso e capaz de expressar seu afeto. Entendido como nem inteiramente bom ou mau, ele escapa da interpretação maniqueísta que simplificaria seus atos cruéis no desenlace da trama ou enfatizaria sua posição de vítima no início desta.

## **Conclusão**

Os personagens criados por Hatoum em seus dois primeiros romances defrontam-se, como vimos, com a inexistência de uma identidade fixa e una, enraizada num solo fundador e identificada a uma só pátria ou cultura. Esquecendo sua língua primeira ou estranhando o familiar idioma de seus pais, eles deparam-se com a prótese da origem. A partir daí, dedicam-se a um trabalho de implantação desta prótese. Esta “operação” será realizada por meio de um exercício sobre si mesmo. Através deste, com efeito, Hakim conseguirá vincular-se (ainda que nunca de modo definitivo, porém sempre fugitivamente) mais estreitamente à cultura de seus pais e Yaqub se reaproximará e se reapropriará do “tupi esquecido”. Ambos os personagens nos mostram, desse modo, seus pertencimentos, procedências e, em última instância, sua subjetividades, como frutos de um processo de elaboração e construção. Este, evidentemente, deve ser entendido sempre como limitado pelo espaço-tempo do personagem. Contudo, na medida em que as heranças e influências não são tomadas como inatas ou absolutas, mas trazem brechas, podendo ser em parte transgredidas ou estranhadas, elas também possibilitam o investimento em novas formas de ser, viver e, claro, de falar.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BIRMAN, Daniela. *Entre-narrar: relatos da fronteira em Milton Hatoum*. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- [2] BRANDÃO, Luis Alberto. Vozes estranhas. In: \_\_\_\_\_. *Grafias da identidade*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lamparina editora/Fale (UFMG), 2005. P. 111-134.
- [3] CURY, Maria Zilda Ferreira. De orientes e relatos. In: SANTOS, Luis Alberto Brandão; PEREIRA, Maria Antonieta (orgs.). *Trocas culturais na América Latina*. Belo Horizonte: Pós-Lit/FALE/UFMG; Nelam/FALE/UFMG, 2000. P. 165-177.
- [4] DERRIDA, Jacques. *O monolinguismo do outro ou A prótese de origem*. Porto: Campo das Letras, 2001.
- [5] HATOUM, Milton. Diálogo entre mundos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 mar. 1996. Caderno Mais!, p. 5.
- [6] HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- [7] HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- [8] HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.



- [9] FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. P. 15-37.
- [10] PENNA, João Camillo. A língua do Outro: o testemunho de Jacques Derrida. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virginia (orgs.). *Mimesis e expressão*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- [11] SAID, Edward W. *Fora do lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

---

### **Autora**

<sup>1</sup> **Daniela BIRMAN, Dra.**  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
danielabirman@gmail.com